

## O FOTÓGRAFO E O EQUILIBRISTA

Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti  0000-0002-2721-6659

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**RESUMO:** Um jovem ator e fotógrafo que deixou o teatro para, como fotógrafo, buscar o mundo. Ele também queria ser sociólogo e ingressou, na década de 1970, no curso de Ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que, quando descobriu a antropologia social. Mas a fotografia tinha que ir junto aonde ele fosse. Há 42 anos, nesse

artigo composto por texto e fotografias que também se oferecem à leitura, o primeiro trabalho feito para a disciplina de um de seus grandes professores. O Fotógrafo e sua colega foram buscar o universo de um pequeno circo muito pobre, instalado por alguns dias numa das cidades da periferia de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

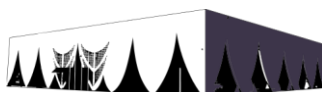
**PALAVRAS-CHAVE:** circo; fotoetnografia; narrativa; periferia.

## THE PHOTOGRAPHER AND THE TIGHTROPE WALKER

**ABSTRACT:** This article is about a young actor and photographer who left the theater to travel the world. He also wanted to be a Sociologist and, in the 1970s, he took a course in Social Sciences at the Federal University of Rio Grande do Sul and fell in love with Social Anthropology. But photography was always going to be important to him. 42 years ago,

this article - composed of text and photographs - was the first work done for the discipline of one of his greatest teachers. The photographer and his classmate wanted to capture the universe of a very poor and small circus, which was for a few days in one of the cities on the outskirts of Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

**KEYWORDS:** circus; photography; narrative; periphery.



A Fotografia como forma de estar no mundo (existe uma expressão na filosofia alemã para isso), um estar desde jovem com 16 anos de idade. Fotografia como meio, mediação, “escudo” e personagem para conhecer e enfrentar, homenagear o mundo, abrigo de existência passageira em que render, cultivar e preservar a memória também é forma nobre de se saber não eterno no mundo.

O mesmo jovem fotógrafo, que lia o jornal todos os dias valorizando sobretudo a função da fotojornalismo, mas que em idade de ir para a universidade, já tendo registro profissional na carteira de trabalho como ator - projeto esquecido -, acreditava ser demais importante a profissão de Sociólogo. O Brasil precisava voltar à democracia e encontrar um projeto de ascensão social para a continental pobreza de um país que tentara ser o país do futuro.

Bastou um ano no curso de Ciências Sociais para a descoberta mágica do jovem, a Antropologia, que como dizia Clifford Geertz, propicia o diálogo entre culturas, faz o Homem conversar com o Homem. Um outro grande antropólogo francês, que depois dirigiu o doutorado do jovem Jean Arlaud, dizia como cineasta ter escolhido a Antropologia porque ele queria estar com as pessoas para saber como elas reinventam suas vidas no dia a dia. Como não se apaixonar por tal “ferramenta” que ajudaria a salvar não só o Brasil mas o mundo?

Seminário sobre Cultura, um professor brilhante que voltava do seu doutorado em Londres, Ruben Oliven, estimulou ainda mais o jovem que também estava determinado a levar sempre a fotografia junto onde ele estivesse, nas andanças e suas formas de estar, viver no mundo.

Um jovem fotógrafo, ex-ator de carteirinha que sonhava ser sociólogo - que a partir daqui será nomeado de Fotógrafo - precisava fazer um trabalho de final de semestre para a disciplina do professor brilhante e vestiu o personagem



fotógrafo que de fato era. Junto com uma colega foram para a periferia de Porto Alegre pesquisar, entrevistar, fotografar um circo muito pobre. Ingênuos, ou não, tinham como mote procurar entender se o Gran Circo Chinês empobreceu ou se não conseguia crescer e por que não.

Foram duas visitas, sendo uma delas, meia-hora antes de uma das sessões de um dia ensolarado e outra numa tarde nublada chuvosa, tarde de folga, lonas recolhidas, para complementar as entrevistas, fazer mais fotos, mas também para restituir uma foto levamos de presente.

Circo familiar: um artista idoso de carteirinha (também), sua esposa que ficava no caixa, a filha que devia ser a bailarina, o marido da filha que era a sua vez o cara que andava na corda bamba e também domador de um porco que fazia andar de joelhos - atração principal da maldade que se poderia oferecer naquela época sem preocupações com a condição e o trato com animais. Além de outros familiares mais jovens e alguns agregados.

O Fotógrafo tinha apenas a lente normal 50mm da sua Pentax SPF, presente da mãe. A luz era pouca. O Fotógrafo teve dificuldades, mas soube registrar algumas cenas, nem sempre bem enquadradas. Lamentou a foto sem foco do dono idoso exibindo sua carteirinha de artista.

Na primeira visita, dia quente e ensolarado de domingo, do porco andar de joelhos. O Fotógrafo conseguiu provar que um circo pobre de periferia poderia ter a lona tão, mas tão furada, que exibia – conforme a fotometragem - um céu muito lindo totalmente estrelado.

Tinha cena de luta livre, algo de demonstração corporal, um palhaço brincando com as crianças da plateia e um número de corda bamba. Até um menino cuspidor de fogo tinha. Mas o ponto alto do mundo cão foi o momento do porco, enlanhado de apanhar de facão, andar de joelhos. Constrangedor, se não para todos, para mim e minha colega. O equilibrista era o torturador do porco e genro do velho dono.



Passadas duas semanas voltamos à tarde, devia ser um sábado cinza triste, lonas recolhidas. Um jovem e um menino que cuspiam fogo nos receberam, tinha mais uma criança pequena que brincava na lama no picadeiro. Na paz estava o porco caminhando, lá mais longe ainda, no espaço do circo.

Conversamos e demos de presente uma foto do equilibrista para o jovem entregar para o domador de porcos, casado com a filha do dono do circo.

Algumas fotos e o texto (da minha colega Cinara) foram entregues no final do semestre para o professor brilhante que talvez nunca recebesse um trabalho incorporando fotografias. Tiramos nota A, mas o elogio do professor foi para o texto. Depois, tudo ficou no esquecimento por culpa do Fotógrafo que seguiu vários rumos outros, guardando memórias não revisitadas pelo caminho. Até que, quando fazia 35 anos de ser fotógrafo, foi rever toda a sua produção analógica desde quando começou.

Preparando uma exposição que teve a curadoria do mestre Boris Kossoy e um livro, homenagem da UFRGS no projeto Percursos do artista, o Fotógrafo, sem saber, escolheu para a capa do seu livro dos 35 anos aquela foto que em 1978 fora restituída ao equilibrista. Pois foi olhando todos os seus negativos de um rolo e meio que ele viu o cuspidor de fogo naquela visita com sua foto nas mãos.

O cineasta antropólogo francês Jean Rouch repetia sempre a expressão *hasard rationnel*, ou que não havia acaso, assim como o fotógrafo e historiador Boris Kossoy costuma dizer que coincidências não existem.

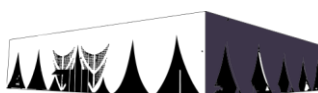
A vida pode ser um grande palco para espetáculos de toda a ordem. O tempo que passa, cada vez mais acelerado passa. Importante é viver como ensinou o pintor Iberê Camargo que não era um cara de tocar na vida com a ponta dos dedos.





*Velho Fotógrafo Luiz Eduardo Robinson Achutti, Porto Alegre 15 de agosto de 2020.*





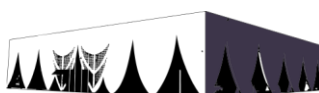




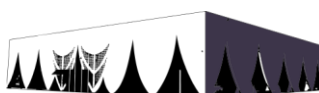
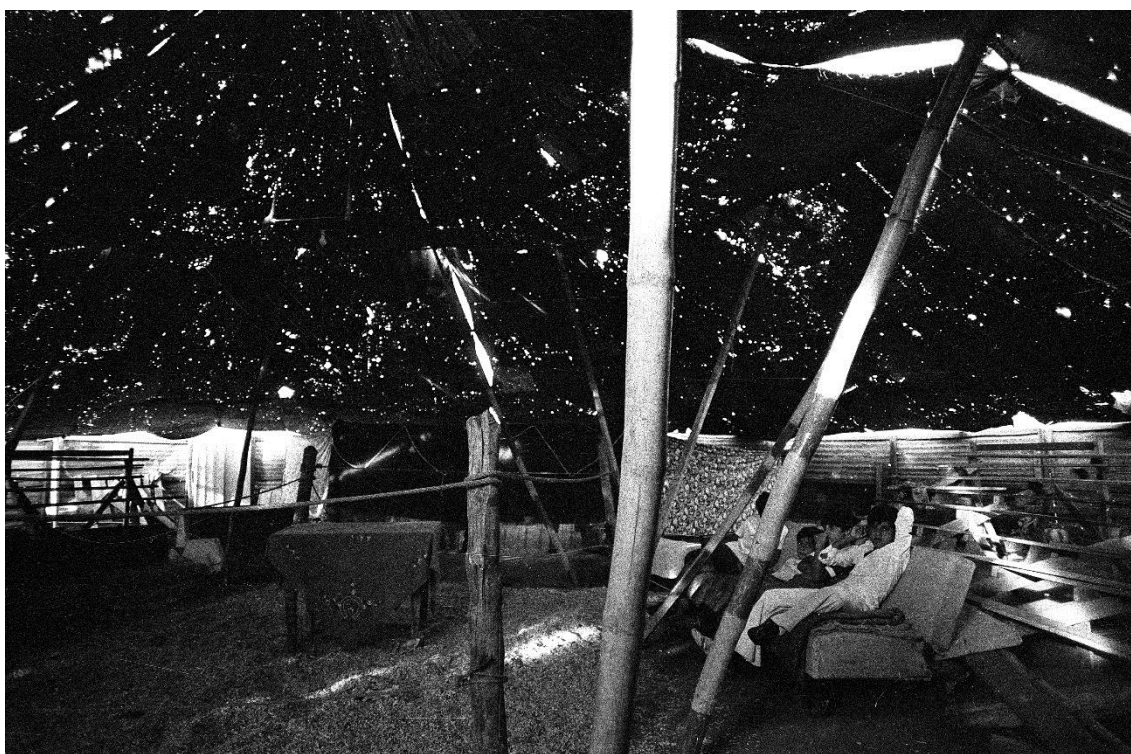




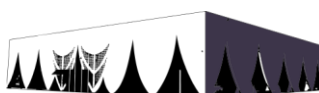




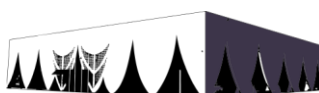




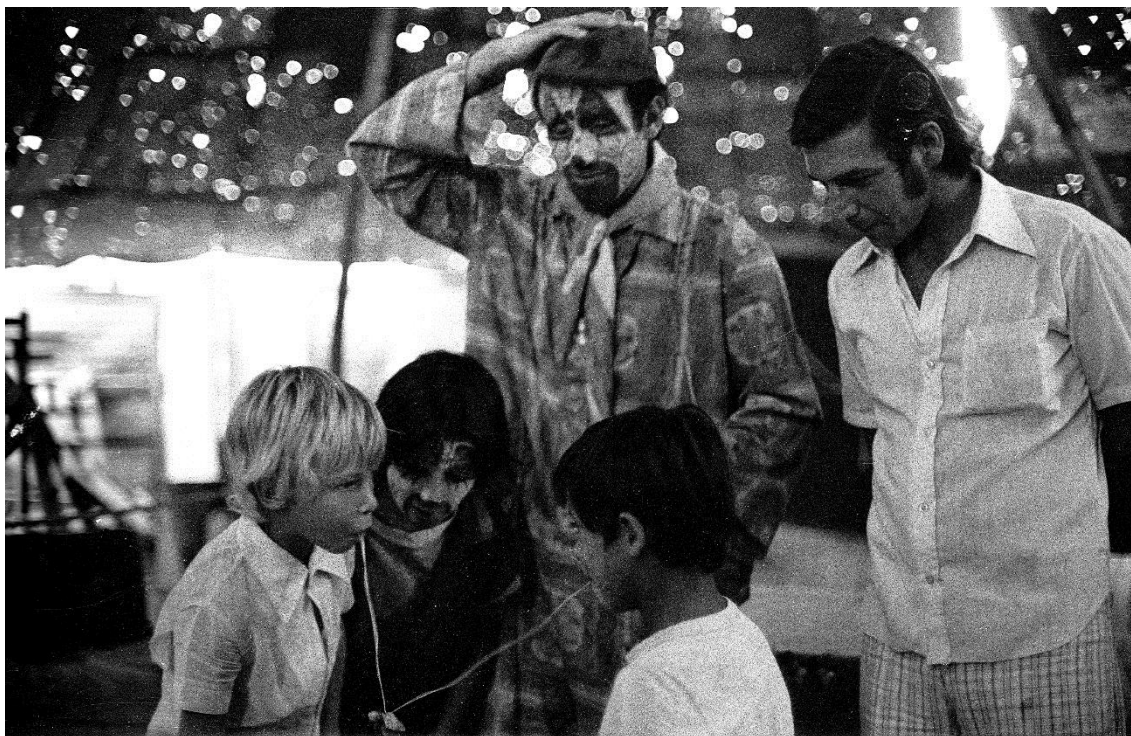




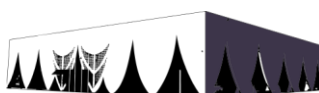




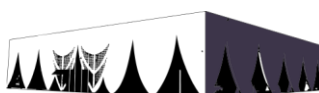
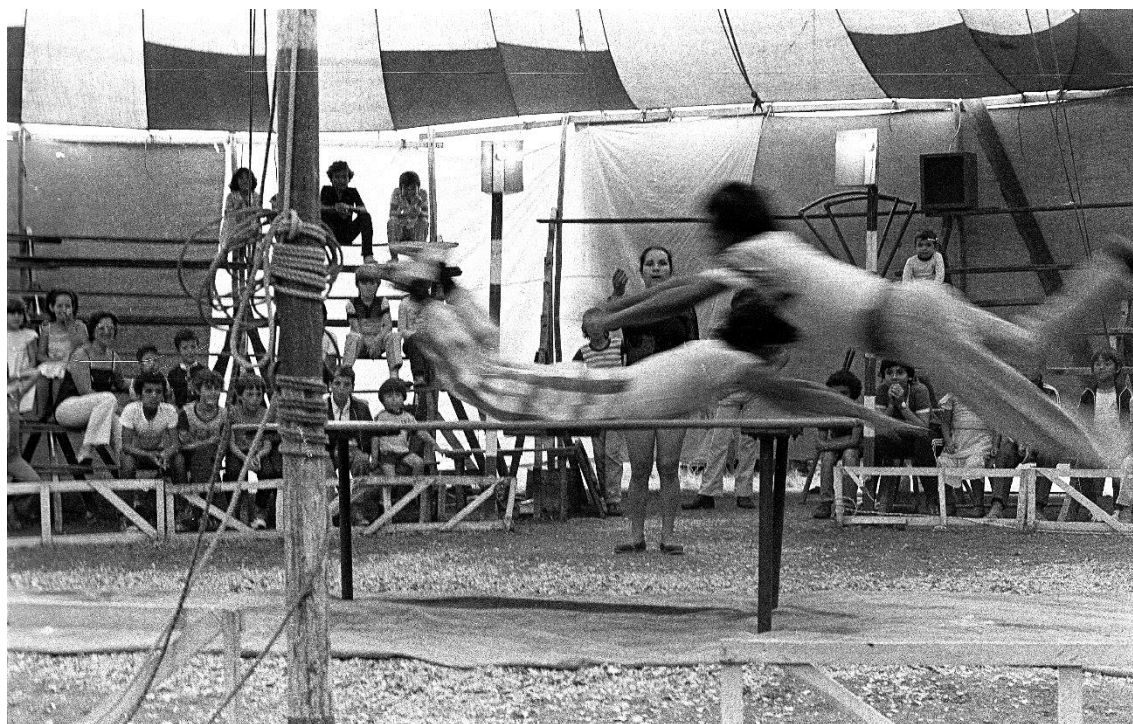








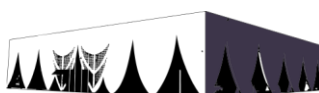




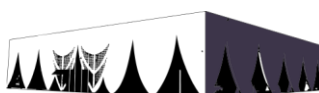




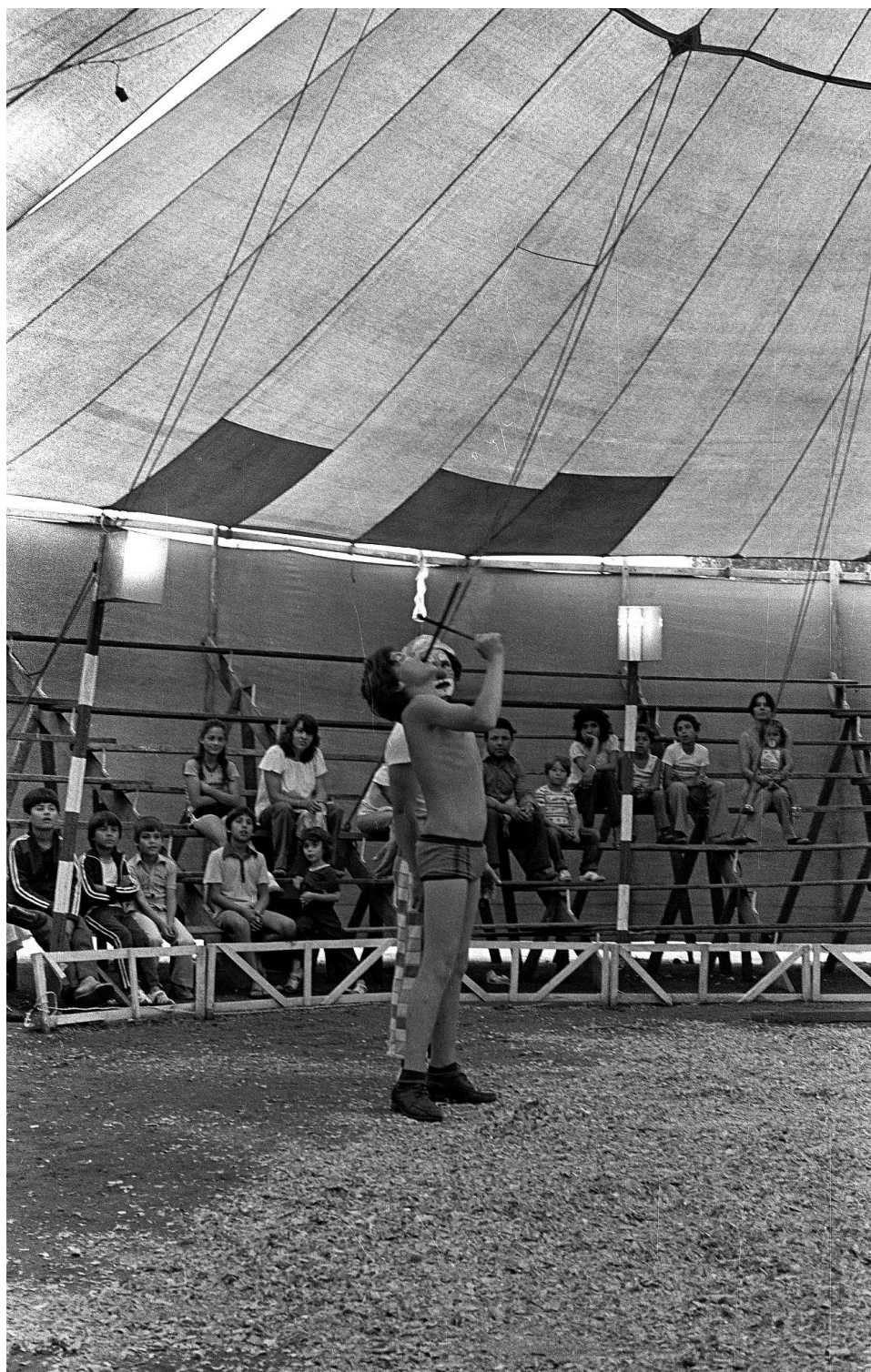




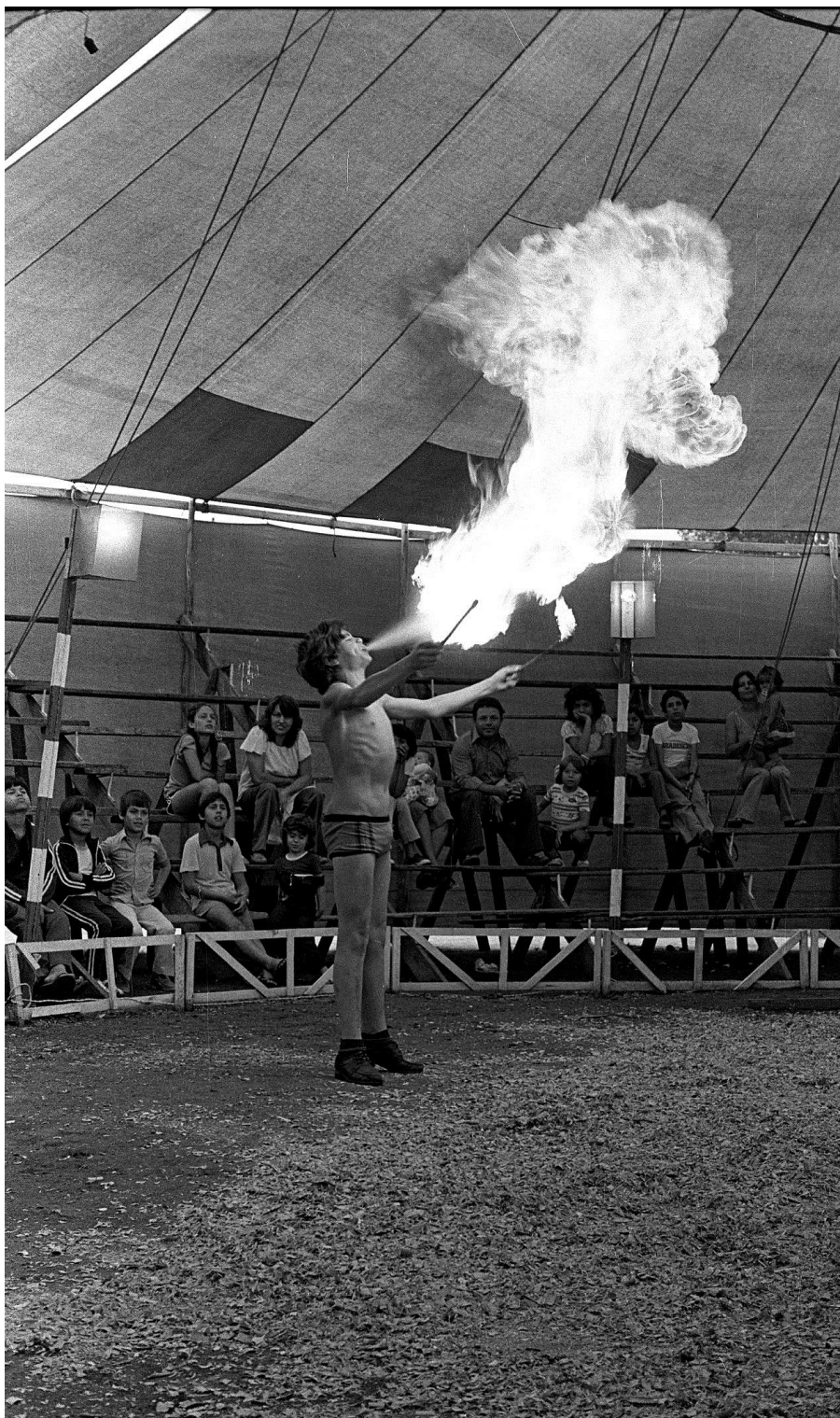




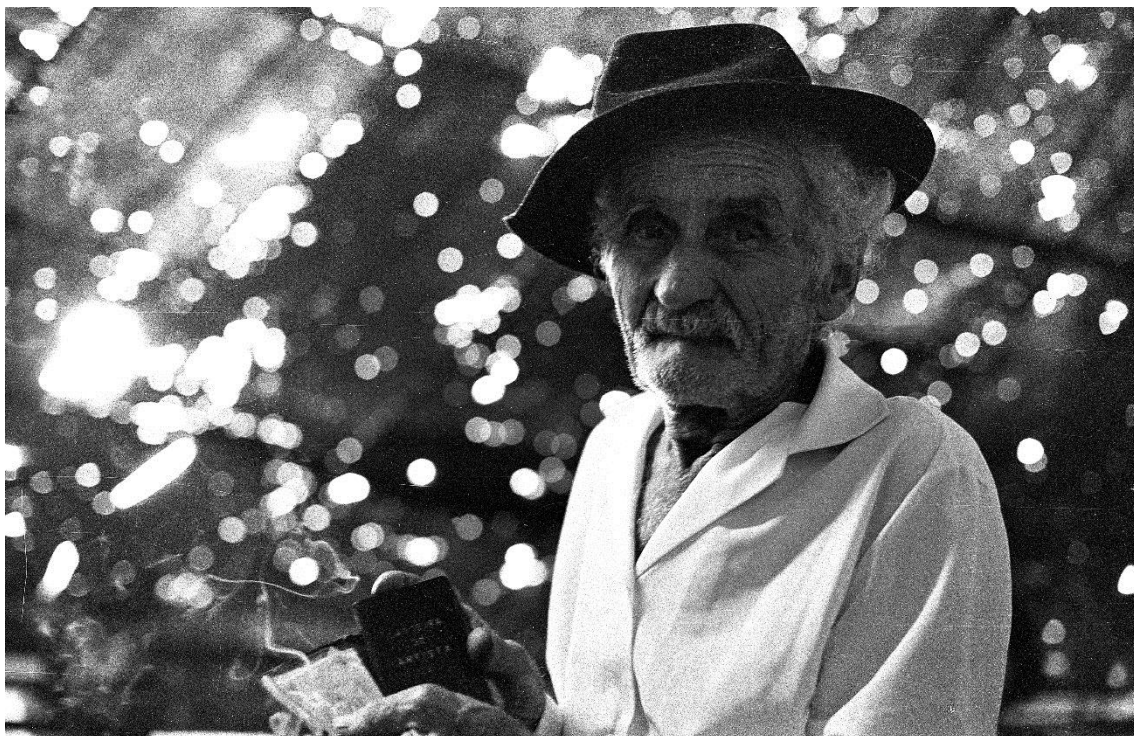




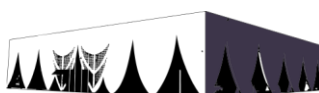








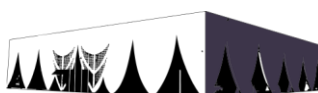




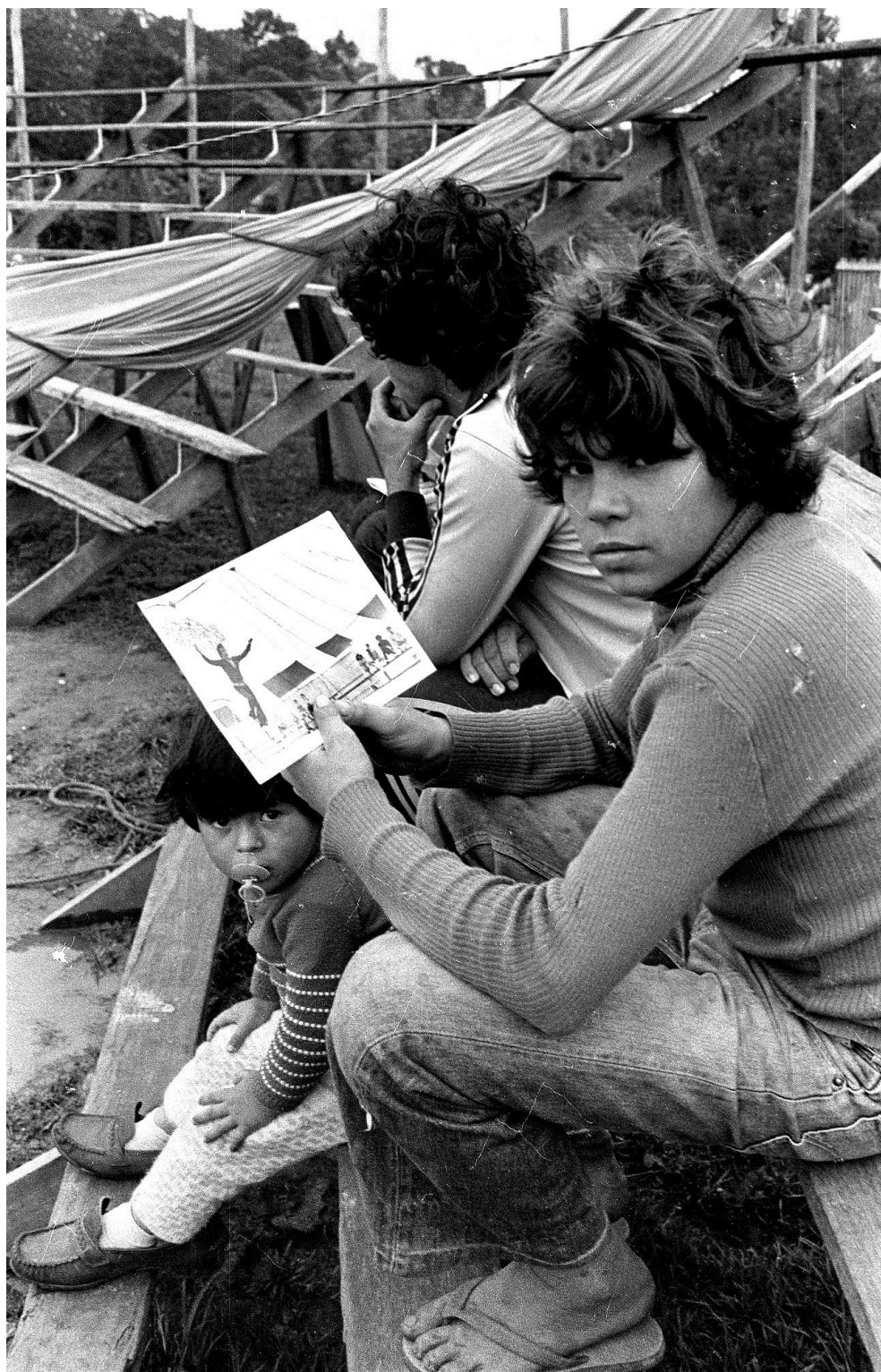




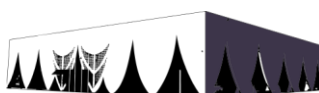
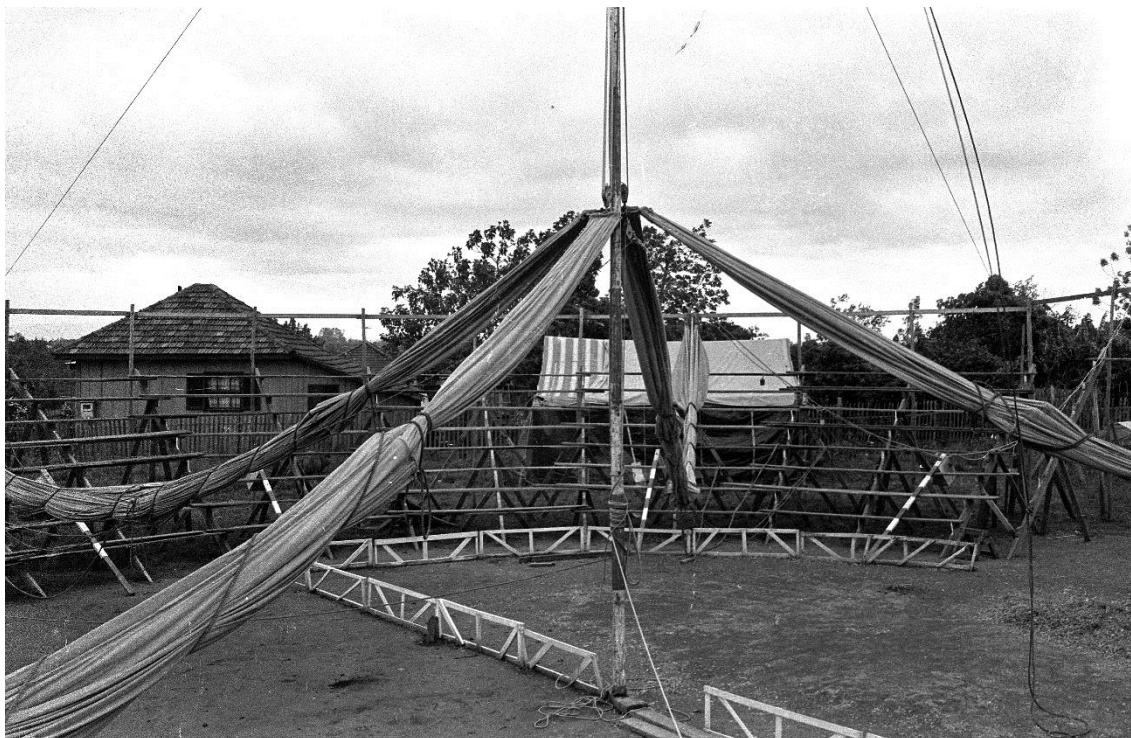




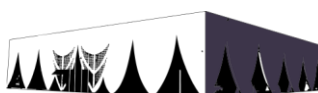


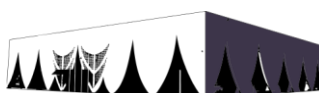


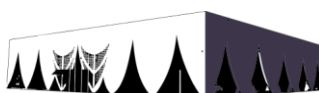
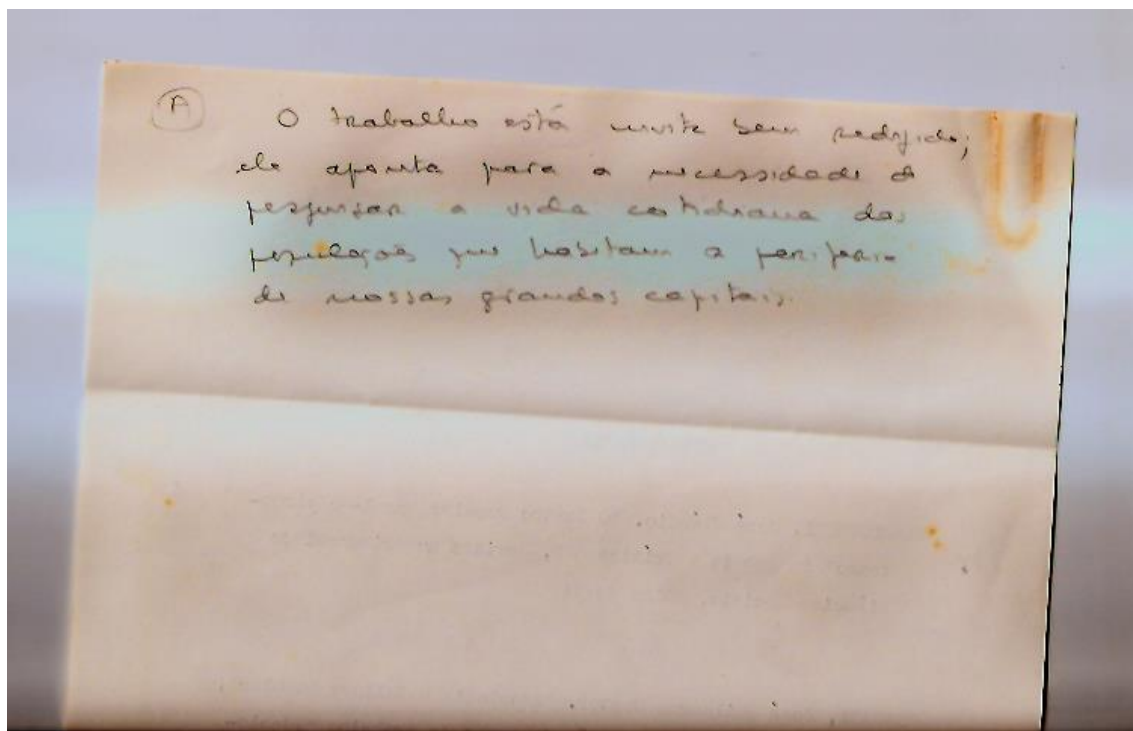














"Enquanto houver crianças o circo não morre"

Palhaço Tampinha





## REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Guaíba por Achutti**. Porto Alegre, Editora Telos, 2014.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **A Matéria Encantada – Xico Stockinger por Achutti**. Porto Alegre, Editora Nova Prova, 2008.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Iberê Camargo por Achutti**. Porto Alegre, Editora da Tomo Editorial, 2004.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre, Tomo Editorial / Ufrgs Editora, 2004.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **L'Homme sur la photo, manuel de photoethnographie**. Paris, Tèraèdre, 2004.
- GUTFREIND, Celso et ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Le Bois de Boulogne**. Porto Alegre, Editora TOMO, 2000.
- ARLAUD, J., DIBIE, P., GUIGNERAYE, C. L. L., ACHUTTI, L. E. R., Conversation sur les préoccupations scientifiques et les perspectives de recherche au sein du Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain. **Horizontes Antropológicos**, p.251 - 269, 2000.
- KOSSOY, Boris. *Boris Kossoy*, **Fotógrafo**. São Paulo, Cosac Naify; Imprensa Oficial do Estado; Pinacoteca.

Recebido em: 15-08-2020

Aceito em: 17-11-2020

